

Os sentidos do trabalho e a perspectiva do lazer sério na atuação do treinador de futebol amador¹

Diogo Bonin Maoski²

Ana Paula Cabral Bonin Maoski³

Francis Kanashiro Meneghetti⁴

Resumo: Este estudo tem como objetivo analisar os sentidos atribuídos ao trabalho por treinadores de futebol amador a partir das narrativas do trabalho contemporâneo (Bendassolli) e da Perspectiva do Lazer Sério (Stebbins). Realizou-se uma pesquisa qualitativa e exploratória com base em observações de jogos, treinamentos e bastidores, além de entrevistas semiestruturadas com treinadores de futebol amador de um campeonato da cidade de Curitiba. Foram analisados quatro sentidos atribuídos a atuação dos treinadores de futebol amador: um lazer com responsabilidade; um artífice à beira do gramado; a identificação com a função de treinador; carreira paralela. As conclusões apontam para a predominância de uma narrativa romântica-expressiva do trabalho, bem como para três qualidades do lazer sério: a exigência de esforço significativo, a identificação com a prática e a possibilidade de carreira.

Palavras-chave: Trabalho. Sentidos do trabalho. Treinadores. Futebol. Lazer sério.

1. Introdução

Apesar da grande pluralidade de pesquisas acerca dos sentidos do trabalho (Colomby & Costa, 2018; Neves, Nascimento, Felix, Silva & Andrade, 2018; Rodrigues, Barrichello, Bendassolli & Oltramari, 2018; Sá & Lemos, 2017), constata-se uma priorização de estudos em organizações empresariais e de um posicionamento que atribui ao trabalho à tradicional perspectiva de emprego (Bendassolli & Borges-Andrade, 2011; Bispo, Dourado, & Amorim, 2013; Borchardt & Bianco, 2016).

Contudo, em um contexto contemporâneo em que se observam características como a desinstitucionalização tradicional do trabalho, as modificações dos vínculos indivíduo-organização e a não linearidade das carreiras (Bendassolli, 2009), surgem novos modos de

¹Trabalho apresentado no GT - Futebol Amador e de Várzea, 4º Simpósio Internacional de Estudos do Futebol.

² Mestre (2018) em Administração pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). e-mail: bonin.maoski@gmail.com

³ Professora da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), tem Mestrado (2011) e Doutorado (2016) em Educação Física pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). e-mail: bonin.anapaula@gmail.com

⁴ Professor na Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). Tem Doutorado (2009) em Educação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). e-mail: fkmenehetti@gmail.com

trabalhar e de viver que contribuem para a criação de um cenário em que a identidade dos indivíduos se constitui cada vez mais a partir de outros domínios da vida (Mueller & Scheffer, 2019).

Concebido a partir desta mentalidade emergente da atualidade, o trabalho se transforma “em um suporte para a realização do projeto reflexivo do eu: ele é usado para expressar um estilo pessoal, para o cultivo de experiências e competências singulares, num movimento contínuo de vinculação e desvinculação institucional” (Bendassolli, 2009, p. 394).

Desse modo, presumindo que a realização deste projeto reflexivo se materializa em uma pluralidade de sentidos, a análise do trabalho na vida contemporânea carece de um olhar multifacetado com fito em absorver as suas várias contradições (Siqueira, Dias & Medeiros, 2019). Sendo assim, urge a realização de estudos que compreendam os significados e sentidos do trabalho a partir de novas perspectivas e vertentes teóricas (Sá & Lemos, 2017; Santos & Fontanelle, 2019) e que escapem do recorrente uso do paradigma funcionalista (Oliveira, Guimarães, Caiero & Gomes Júnior, 2018).

Em virtude de tais considerações, a presente pesquisa tem por objetivo analisar os sentidos atribuídos a uma atividade que extrapola a perspectiva de emprego e de trabalho voluntário e que ocorre em um contexto pouco explorado (Correia, 2019). Trata-se da atuação do treinador no ambiente do futebol amador.

É importante ressaltar que o futebol constitui uma atividade econômica muito significativa em vários países, movimentando um mercado bilionário e que está em constante evolução (Benevides, Santos, Cabral, Ribeiro & Holt, 2015). No Brasil, os clubes de futebol estão entre as organizações que apresentaram um processo de empresarização mais intenso e avançado no que diz respeito à orientação mercadológica, aspectos legais, linguagem e organização do trabalho (Rodrigues, Silva & Dellagnelo, 2014).

Todavia, a prática do futebol precisa ser observada a partir de sua heterogeneidade (Martins, 2016) e para além das narrativas hegemônicas dos modelos oficiais, midiáticos ou profissionais (Damo, 2003); Myskiw & Stigger, 2014). Se para alguns tipos de futebol são construídos estádios de proporções grandiosas em que desfilam grandes jogadores, para outros são reservados os campos de terra e as traves sem redes. Se enquanto alguns são visualizados nas escolas e quadras de aluguel, outros se mostram nas ruas e vielas esburacadas. Cada tipo de futebol organiza seus significados, valores, símbolos e espaços próprios (Gomes, 2013).

Não obstante, o futebol, mesmo em sua dimensão comunitária ou mais próxima do profissional, é formado por diferentes grupos (diretoria, jogadores, comissão técnica, imprensa,

torcedores) que quase sempre convergem para o objetivo de vitórias e títulos. Dentro desse contexto, o treinador possui uma função fundamental, sendo a figura centralizadora e em quem são depositadas as glórias ou críticas pelos resultados. É de sua responsabilidade propiciar aos jogadores condições para a demonstração de suas qualificações técnicas, além de mediar ou mesmo evitar que cobranças externas sejam superiores a tais capacidades. Nesse sentido, acaba se tornando a função mais criticada quando o time não atinge os resultados esperados (Meneghetti, 2002).

Isto posto, para atingir o objetivo proposto no estudo, optou-se por uma pesquisa de natureza qualitativa e exploratória realizada mediante observação de bastidores de clubes, treinamentos e jogos, além de entrevistas com treinadores de um campeonato de futebol amador da cidade de Curitiba. Trata-se de um ambiente marcado por características comunitárias, mas que mantém em seu horizonte a mimese com o futebol profissional.

A partir da Análise Temática (AT) (Braun e Clarke, 2006), foram identificados quatro sentidos atribuídos a atuação dos treinadores. Em consonância com a perspectiva plural do trabalho e ainda considerando as contradições que emergem acerca da linha tênue que divide trabalho e lazer na prática dos treinadores amadores, cada sentido foi analisado a partir das narrativas contemporâneas do trabalho (Bendassoli 2006; 2011) e da Perspectiva do Lazer Sérico (PLS) (Stebbins 2014; 2016).

O estudo se justifica por sua inovação ao aprofundar a categoria trabalho a partir das organizações esportivas amadoras, trazendo luz a uma área de pesquisa teoricamente incipiente, a despeito de se tratar de uma das atividades esportivas mais emblemáticas do nosso país. À vista disso, ao passo que investiga a subjetividade dos sujeitos no desenvolvimento do seu trabalho em um tempo/espço futebolístico, aproxima a Administração e os Estudos Organizacionais das áreas do Lazer e da Sociologia do Esporte.

De forma a alcançar o objetivo traçado, a pesquisa está organizada em 5 seções, incluindo esta introdução. A segunda seção se dedica a apresentar o referencial teórico e na terceira são abordados os procedimentos metodológicos. Na quarta seção é realizada a análise e discussão dos resultados, encerrando com as considerações finais.

2. Fundamentação teórica

2.1. Os estudos sobre os sentidos do trabalho

Embora Rosso, Dekas e Wrzesniewski (2010) apontem que as pesquisas sobre os sentidos do trabalho se encontram em uma fase inicial, é possível observar um desenvolvimento

frutífero nesta área de estudos (Rodrigues et al., 2018), gerando na última década um consistente debate quanto ao desenvolvimento ontológico e epistemológico da produção acadêmica acerca do assunto (Andrade, Tolfo, & Dellagnelo, 2012; Bendassolli, Coelho-Lima, Araújo & Carvalho, 2015; Colomby & Costa 2018; Neves et al, 2018; Rodrigues, Barrichello & Morin, 2016; Sá & Lemos, 2017; Silva & Simões, 2015; Tolfo, Coutinho, Baasch & Cugnier, 2011).

É importante salientar ainda o debate realizado no campo acadêmico quanto ao uso e diferenciação dos termos “sentidos” e “significados” do trabalho (Bendassolli et al., 2015, Tolfo et al., 2011). Para a presente pesquisa, optou-se por considerar os termos “sentidos” e “significados” como de entendimento semelhante, em consonância com estudos nacionais publicados em periódicos da área da Administração (Bispo et al., 2013; Dourado, Holanda, Silva, & Bispo, 2009; Irigaray, Oliveira, Barbosa & Morin, 2019; Lemos, Cavazotte & Souza, 2017; Neves et al., 2018).

Isto posto, utilizar-se-á o termo sentido do trabalho, em linha com Dourado et al. (2009), enquanto uma estrutura afetiva que contempla, além do significado individual, coletivo e social do trabalho, a utilidade da tarefa executada para a organização a que se pertence, além da autorrealização, satisfação e o sentimento de aprimoramento das capacidades pessoais com liberdade e autonomia para a execução das atividades.

Cabe salientar que mesmo diante de uma miríade de estudos sobre os significados e sentidos do trabalho, não se encontram pesquisas realizadas no ambiente esportivo, sobretudo o dito amador. Considerando o esporte enquanto uma categoria que é frequentemente relacionada ao lazer e este ao jogo/diversão, uma possível explicação para esse panorama de incipiência teórica consiste na dicotomia adotada por parte do referencial teórico quanto aos conceitos de trabalho e lazer.

Geralmente, a visão apresentada é de que estas duas dimensões da vida se localizam em polos amplamente distintos, contrastando-se em fronteiras muito bem delimitadas (Pacheco & Stigger, 2016). No entanto, a partir de uma desmontagem da ontologia do trabalho enquanto metanarrativa social, os indivíduos se desconectam de arranjos institucionais e de sistemas sólidos, sendo colocados em relações fluidas nas quais os espaços e o tempo já não coincidem com as experiências vividas. Isso abala a centralidade do trabalho assalariado, do modelo de emprego industrial, confundindo registros da existência que outrora permaneciam muito mais bem definidos, como, por exemplo, entre o trabalho e o lazer (Bendassolli, 2006).

Tendo o trabalho se tornado uma narrativa social associada a biografia pelo qual o próprio indivíduo organiza seu projeto de vida, com fito em analisar a atuação dos treinadores de futebol amador, adotar-se-á no presente estudo a concepção de trabalho a partir das narrativas sociais contemporâneas apresentadas por Bendassolli (2006; 2011), justificando esta decisão teórica a partir de sua aplicabilidade empírica em estudos sobre os sentidos do trabalho em situações não convencionais (Bispo et al., 2013; Marra et al., 2013; Santos & Helal, 2018).

2.2. As narrativas do trabalho contemporâneo

Para Bendassolli (2011), os discursos sobre o trabalho, na atualidade, encontram-se fragmentados em várias narrativas, não se caracterizando mais enquanto uma única metanarrativa hegemônica. Consequentemente, os significados de trabalho são vários e várias são também as visões sobre o seu propósito na construção de narrativas ontológicas, ou seja, em identidades pessoais. Desse modo, o trabalho no contexto contemporâneo perdeu a sua posição de metanarrativa pública, enfraquecendo a sua influência na definição das nossas identidades.

Todavia, o autor reforça que não estamos assistindo ao desaparecimento do trabalho, mas sim de sua apresentação a partir de uma ambiguidade que tem como consequência uma pluralidade de sentidos. Assim, a ambiguidade é um aspecto característico do desmonte ontológico/enfraquecimento, mas também da permanência do trabalho em nossas vidas e em nossas sociedades (Bendassolli, 2006).

Nesse contexto, a identidade seria definida por uma narrativa que o indivíduo constrói ao longo da vida e que deve ser coerente e ter como objetivo ajudá-lo a organizar o sentido de sua própria existência (Bispo, et al., 2013). Desse modo, Bendassolli (2006; 2011) apresenta cinco narrativas públicas sobre o sentido e o valor do trabalho na atualidade, denominadas de *ethos* do trabalho.

A metanarrativa pública do trabalho estaria, dessa forma, decomposta em cinco *ethos* que atuariam como estoques de interpretações em que os indivíduos constroem e explicam as suas identidades. Cada um dos *ethos* possui sua própria “verdade” sobre o que é trabalho, mas nenhum deles esgota a questão do seu sentido. Pelo contrário, há uma coexistência de *ethos* que variam no que concerne à conexão trabalho-identidade de uma intensidade relativamente forte até uma baixa ou nula conexão. Isto posto, os cinco *ethos* são: o moral-disciplinar; o romântico-expressivo; o instrumental; o consumista e o gerencialista (Bendassolli 2006; 2011).

O *ethos* moral-disciplinar está centrado no dever moral de trabalhar com resíduos oriundos da ética protestante. O trabalho, neste caso, tem relação com a obrigação e responsabilidade na realização de tarefas, independentemente da existência de prazer. O *ethos* romântico-expressivo realça a natureza expressiva do trabalho, seu potencial para realizar a verdadeira essência humana por meio do domínio sobre uma obra (Sennett, 2008). O trabalho é um fim em si mesmo e a ênfase recai na dimensão pericial do trabalho, ou seja, em algo que alguém domina e executa com maestria (Bendassolli, 2011)

O *ethos* instrumental ressalta a dimensão liberal do trabalho, isto é, sua característica de emprego. O trabalho é visto como uma relação de troca, submetido à lógica da eficiência e produtividade em que os valores presentes são a renda, a meritocracia e o *status* alcançado. No *ethos* consumista, o trabalho é tido como meio para alcançar a satisfação. A regra é maximizar o prazer e minimizar a frustração. Nesse *ethos*, o trabalho é concebido para os ideais de si mesmo e não por uma ética ou ideal coletivo.

Por fim, o *ethos* gerencialista está intimamente ligado ao discurso gerencial presente na literatura e na mídia que redirecionam o sentido do trabalho para a carreira e para as características individuais dos sujeitos. Em tal *ethos*, o conceito do emprego deve ser substituído pelo de projeto e o indivíduo deve se ver visto como uma empresa, como um empreendedor de si mesmo.

Cada *ethos* age como uma rede de crenças associadas ao significado e ao valor do trabalho, sendo vocabulários nos quais as narrativas identitárias podem se basear. Dessa forma, quando é chamado para justificar o motivo de trabalhar ou então o sentido que o trabalho tem em sua vida, o indivíduo pode recorrer a tais narrativas públicas do trabalho (Bendassolli, 2006).

2.3. A Perspectiva do Lazer Sério

O adjetivo amador pode ser visualizado de várias maneiras. Em um primeiro momento, traz um contraponto mais evidente quando se considera uma atividade profissional e uma atividade realizada fora do ambiente de emprego. Dentro do futebol, o termo amador (assim como várzea) pode ainda se caracterizar como algo pejorativo, dependendo da região em que se utiliza.

Neste estudo, faremos uso do adjetivo “amador” não apenas para diferenciar a atuação dos treinadores de futebol do campeonato analisado daqueles que atuam no futebol profissionalizado. Outrossim, sua utilização se justifica a partir dos componentes de

engajamento e compromisso com a função de treinador que serão analisadas pela perspectiva do lazer sério.

A Perspectiva do Lazer Sério (PLS) começou a ser desenvolvida na década de 1970 quando o sociólogo Robert A. Stebbins percebeu em seus estudos com populações específicas de amadores e profissionais praticantes de *baseball* que as atividades realizadas não poderiam ser consideradas como um “mero lazer”, haja vista a existência de um alto nível de seriedade, comprometimento e busca por desempenho e resultados (Heuer, 2019).

Essa constatação passou a ocorrer também em outros contextos (músicos, atores, jogadores de futebol, mágicos, comediantes, arqueologistas, astrônomos, praticantes de esportes de aventura) em que as pessoas conduziam as suas atividades tão seriamente que tinham dificuldades de entender isso como um lazer. Desse modo, ao perceber que alguns elementos do mundo do trabalho e do mundo do lazer poderiam estar relacionados, Stebbins criou o conceito de “lazer sério” (Heuer, 2019; Oliveira & Doll, 2016).

Cabe salientar que outros autores já haviam debatido sobre as interpelações entre trabalho e lazer, como, por exemplo, Jürgen Habermas que em 1958 já criticava a forte influência de estruturas do mundo do trabalho como hierarquia, eficiência e regras da economia no campo do lazer (Prahl, 2002 conforme citado em Oliveira & Doll, 2016). Todavia, o grande mérito de Stebbins reside no consistente aprimoramento de sua teoria e nas possibilidades que ela apresenta em demonstrar como as fronteiras entre trabalho e tempo livre, consumo e lazer se tornaram cada vez mais flexíveis na sociedade contemporânea.

Dessa forma, a PLS é um modelo teórico que visa a compreensão do lazer a partir de três formas (lazer baseado em projeto, lazer casual e lazer sério) posicionadas de acordo com o grau de comprometimento necessário para a sua prática (Stebbins 2014; 2016).

O lazer baseado em projeto é uma iniciativa criativa de curto prazo, desenvolvida uma vez ou ocasionalmente, sendo concebível a interrupção por diversas semanas, meses ou até mesmo anos e que não há intenção pelos participantes em um maior desenvolvimento. Já o lazer casual (ou eventual) é uma atividade caracterizada pelo hedonismo, sendo intrinsecamente gratificante, agradável e relativamente de curta duração, exigindo pouco ou nenhum treinamento especial para ser desfrutada (Oliveira & Doll, 2016; Stebbins, 2014; 2016).

Apontado como o terreno comum entre o trabalho e o lazer, o lazer sério é a prática sistemática de uma atividade por amadores, voluntários ou praticantes de passatempos (*hobbys*), considerada imensamente importante e gratificante e que, em alguns casos típicos,

pode prover uma carreira centrada na conquista e na expressão de uma combinação de suas habilidades, conhecimentos e experiências especiais (Stebbins, 2014; 2016).

O adjetivo “sério” foi atribuído pelo autor devido a tais tipos de atividades estarem relacionadas com seis qualidades específicas, chamadas de qualidades diferenciadores do lazer sério: necessidade de perseverar; possibilidade de seguir uma carreira de lazer (não-trabalho); exigência de um esforço pessoal significativo; existência de benefícios duráveis (benefícios psicológicos e sociais originários da prática); *ethos* singular (mundo social que se desenvolve em torno da prática) e forte identificação com a prática escolhida (Oliveira & Doll, 2016; Stebbins, 2016). Além disso, constata-se também a presença de características adversas como ansiedade, angústia, imprevistos, estresse físico e psicológico (Heuer, 2019).

Por fim, quanto aos envolvidos no lazer sério, Stebbins (2014; 2016) propõe a classificação em praticantes de passatempos ou *hobbys*, os voluntários e os amadores. O envolvimento com o lazer sério pelos praticantes de passatempos/*hobbys* consiste na busca por atividades de interesse pessoal que envolvem conhecimento, dedicação e especialização, mas diferentemente do envolvimento dos amadores, não há obrigatoriamente uma relação com os profissionais e com o público correspondente. O envolvimento como voluntário pode ser compreendido pela “liberdade de escolha” e pelo engajamento em atividades altruístas de interesse comunitário e social em prol de uma ou mais pessoas.

No que diz respeito aos amadores, contempla-se, principalmente, os indivíduos dos campos das artes, do esporte e do entretenimento que estão, em alguma medida, relacionados aos profissionais e com público destas áreas. Todavia, diferentemente dos profissionais, os amadores não consideram a atividade realizada como meio indispensável de subsistência ou de dedicação exclusiva.

3. Procedimentos metodológicos

Para atender ao objetivo proposto neste estudo, optou-se por uma pesquisa qualitativa de natureza exploratória, baseada na realização de entrevistas semiestruturadas com treinadores do Campeonato Amador da Capital (mais conhecido como a “Suburbana”), além da observação de jogos, treinamentos e bastidores dos clubes da competição. De acordo com Sampieri, Callado & Lucio (2013), o enfoque qualitativo é selecionado quando buscamos compreender a perspectiva dos participantes sobre os fenômenos que os rodeiam, ou seja, a forma como os participantes percebem subjetivamente sua realidade. Spink & Menegon (2013), por sua vez, apontam que os métodos qualitativos são mais receptivos ao entendimento dos sentidos,

sobretudo por se preocuparem com a compreensão das minúcias, a despeito das generalizações a partir de uma grande abrangência.

É mister salientar que a Suburbana é o principal e mais tradicional campeonato de futebol amador da cidade de Curitiba, sendo realizado ininterruptamente desde 1941. Desde a sua criação, a competição possuiu diversas fórmulas de disputa e um número variável de participantes divididos entre as séries A e B, em que os clubes transitam mediante processos de acesso e rebaixamento. Desse modo, a competição se constitui a partir de um mimetismo (Marchi Jr, 2015) em sua relação com o futebol profissional, mantendo, contudo, a presença marcante de aspectos comunitários que se manifestam nas representações dos ideais de grupos, comunidade e bairro (Oliveira, 2013).

Considerando o objetivo da pesquisa, definiu-se que o perfil desejado de entrevistados deveria atender a dois critérios: ter atuado como treinador na Suburbana e não ter na atividade de treinador sua fonte de sustento/remuneração. O acesso aos primeiros entrevistados ocorreu pelo critério da conveniência, a partir das redes sociais, sendo posteriormente realizado mediante a utilização do método “bola de neve” em que os próprios treinadores indicavam outros sujeitos que poderiam contribuir de forma mais rica e aprofundada ao estudo.

Foram entrevistados 8 treinadores que já haviam atuado nas séries A e B da Suburbana, contemplando uma amostra diversificada no que concerne ao contexto da competição. As entrevistas duraram, em média, noventa minutos e foram gravadas com a autorização dos participantes de forma a permitir a posterior transcrição. Os nomes utilizados nas transcrições são fictícios a fim de manter o anonimato dos participantes.

As entrevistas foram conduzidas a partir de um roteiro semiestruturado com questões relacionadas com a trajetória no futebol; motivos para atuação no futebol amador; principais atividades realizadas e dificuldades enfrentadas; percepção das diferenças entre o futebol profissional e o futebol amador; principais diferenças entre o ambiente do emprego e o ambiente da Suburbana, além da indagação quanto ao sentido da atuação como treinador de futebol na vida de cada um.

As observações foram realizadas durante aproximadamente onze meses, coincidindo com o período de realização das entrevistas. Ao longo desse tempo, com intuito de compreender melhor o contexto de atuação dos treinadores, as impressões, eventos, atividades e conversas informais foram registradas em um diário de campo (Minayo, 2013). No que se refere à tipificação quanto ao papel do pesquisador nesse processo de coleta de dados, evidencia-se que, no caso da presente pesquisa, o papel desempenhado foi o de “observador como participante”,

haja vista o baixo grau de envolvimento no contexto social estudado com o objetivo em minimizar a interferência sobre os indivíduos (Marietto, 2018).

Os dados foram analisados a partir da Análise Temática (AT), tendo em vista sua flexibilidade e independência em relação a teorias e epistemologias específicas, possibilidade de aplicação em um conjunto de dados qualitativos diferentes e aderência às pesquisas que envolvam alto nível de subjetividade dos envolvidos (Silva, Barbosa & Lima, 2020). Foram observadas as seis fases da Análise Temática propostas por Braun e Clarke (2006): familiarização com os dados, geração de códigos iniciais, busca de temas, revisão de temas, definição e nomeação de temas, produção do relatório.

4. Apresentação e discussão

A análise teve como foco a criação dos temas relativos aos sentidos atribuídos ao trabalho pelos treinadores entrevistados. Esta seção apresenta os sentidos identificados a partir da análise dos dados, bem como sua discussão a partir das narrativas do trabalho contemporâneo (Bendassolli 2006; 2011) e da Perspectiva do Lazer Sérico (Stebbins 2014; 2016).

5. Um lazer “com responsabilidade”

Um dos sentidos atribuídos pelos treinadores ao trabalho realizado na Suburbana é o de lazer. Conforme aponta Cláudio, a atuação enquanto comandante de uma equipe se apresenta como *“um hobby, uma distração, um antiestresse, é um escape do cotidiano. É pra dar esse escape do profissional que as vezes você carrega a semana inteira”*.

Já Osvaldo aponta que dentre as possibilidades de lazer, escolheu o futebol: *“é o que eu gosto de fazer. [...] Tem gente que gosta de jogar bola, o meu hobby é ser treinador [...] Hoje o meu único hobby, o meu único lazer, que eu me dedico 100% é o futebol amador”*. De forma semelhante, Ayrton ressalta a posição que a atividade ocupa em sua vida: *“Hoje, eu coloco, quando eu tô trabalhando como treinador, eu coloco como lazer. Eu tiro proveito disso, eu tiro proveito... eu gosto dessa adrenalina de ser treinador, de tá comandando, ir pro campo”*.

A concepção de lazer pelos treinadores muitas vezes é explorada a partir de discursos que contrapõem as características do ambiente do emprego formal com aquelas vivenciadas na Suburbana, exigindo posicionamentos distintos a depender do local, conforme aponta Cláudio: *“é diferente no sentido, é diferente na tomada de decisões. [...] Na empresa você tem uma outra postura, você está lidando com profissionais, todo mundo está empregado”*.

Desse modo, os treinadores apontam características dos *ethos* moral-disciplinar e instrumental ao se referirem ao emprego, conforme pode ser observado nas palavras de Mário. Para ele, no ambiente empresarial *“você é remunerado por aquilo e a tua casa depende do que você ganha lá, então a tua família depende daquilo ali. Você tem que fazer, gostando ou não, você tem que estar ali... porque muita coisa depende daquela situação”*.

Sendo assim, seria possível relacionar o trabalho realizado pelos treinadores no contexto da Suburbana com o conceito de lazer casual (Stebbins, 2014; 2016) ou ainda com o conceito clássico de lazer, enquanto uma atividade despretensiosa e com um fim em si mesma (Dumazedier, 1976). No entanto, por mais que os treinadores afirmem em um primeiro momento que as atividades realizadas na Suburbana correspondem simplesmente a um *hobby*, a atuação como treinador não ocorre de forma totalmente desinteressada. Pelo contrário, o exercício do treinador indica a realização de uma atividade com forte presença dos domínios da responsabilidade e da obrigação, aproximando-se do *ethos* moral-disciplinar.

Conforme aponta Mário: *“não é como sair no domingo e ir para o parque ou ir pescar. Você sabe que se chover no meio do caminho, você volta para casa e está tudo bem. Futebol não, futebol é responsabilidade”*. Como observado diversas vezes nas conversas informais e bastidores, a responsabilidade está muito relacionada com a questão da presença, haja vista que a ausência do treinador causa grande constrangimento ao clube. Nesse sentido, Mário aponta: *“Então, como técnico de futebol, eu nunca faltei um jogo. A responsabilidade, a mesma responsabilidade que você tem no futebol profissional, tem que ter no futebol amador também, por mais que lá seja uma profissão e para nós seja um lazer”*.

Salienta-se que no conjunto de observações realizadas foi possível analisar ainda que a dedicação que os treinadores têm com a Suburbana não se restringe apenas ao comando do time nos dias dos treinamentos e dos jogos, mas se estende ao relacionamento com a diretoria, com os atletas e, dependendo da estrutura do clube, até mesmo com as questões gerenciais e administrativas. Em diversas ocasiões os treinadores relataram como a atividade realizada na Suburbana afeta outras dimensões da vida, como o emprego e a família. Acerca disso, vale trazer o relato de Cláudio:

“Eu como treinador sou um alicerce técnico, então se as coisas não estão indo bem no comando, na gestão do grupo, você acaba se cobrando e aí tem uma imprensa aqui fora que vai te cobrar e você vai ter que dar a resposta, você não vai fugir do repórter né... Vai ter sempre que se explicar. E isso as vezes realmente tira o sono.... Deixa muito mais preocupado que o seu trabalho de dia, isso é inegável. Isso as vezes influencia na tua vida particular, na vida social, isso é inegável. Não vou dizer que são só flores, negativo...A gente tenta florir o máximo possível, mas não é assim” (Cláudio).

Dessa forma, percebe-se na atividade do treinador da Suburbana narrativas que se aproximam do conceito de lazer sério. Trata-se de uma atividade dita de lazer, realizada de forma não coercitiva e por diversão, mas que está intimamente relacionada com questões de comprometimento, dever moral e responsabilidade.

É importante ressaltar que a existência de um forte caráter de comprometimento para a realização da atividade de treinador nos remete ao *ethos* moral-disciplinar. Todavia, considerando que nesse *ethos* existe “uma separação entre prazer e trabalho” (Bendassolli, 2006, p. 204), acredita-se que o sentido do “lazer com responsabilidade” manifestado pelos treinadores estaria mais próximo de um *ethos* romântico-expressivo, uma vez que a atuação na Suburbana se relaciona com a ética do artesão ou do artista, sendo considerada uma “diversão séria” (Bendassolli, 2006, p. 78) em que o treinador estaria trabalhando e se divertindo ao mesmo tempo.

6. Artífice à beira do gramado

Embora a Suburbana esteja inserida em uma estrutura organizacional complexa e burocratizada, controlada regionalmente pela Federação Paranaense de Futebol (FPF), verifica-se a existência de um sentido de criação atribuído a atividade de treinador que está diretamente relacionado com a oportunidade de tomar decisões e de protagonizar escolhas sobre o planejamento e a execução das diferentes tarefas a serem realizadas.

Uma vez que assumem suas funções, os treinadores passam a vislumbrar um contexto em que eles são as autoridades e possuem praticamente o monopólio na tomada de decisão. Dessa forma, podem agir de acordo com as suas respectivas visões sobre o futebol e sobre a melhor forma de conduzir a equipe. Conforme ressalta Ayrton: “*quando eu me vi pela primeira vez dentro de um vestiário e percebi que eu tinha que comandar, que eu tinha que escalar, que eu tinha o poder de decisão para colocar, tirar, organizar a equipe...eu gostei muito daquilo, aquilo mexeu muito comigo*”.

O sentimento de satisfação atrelado à possibilidade de se expressar a partir da realização de atividades como a escolha do elenco, do esquema tático, da disposição dos jogadores, do formato dos treinamentos e das jogadas ensaiadas, se manifesta de forma mais perceptível quando os resultados positivos são preponderantes, conforme é possível verificar na fala de Antônio:

“Por exemplo, eu treinei uma jogada né. Uma jogada de falta. Eu treinei, eu criei. E de repente durante o jogo o efeito foi positivo. Pra mim aquilo ali é muito gratificante, me satisfaz e eu vejo o meu trabalho reconhecido. Eu acho que todo o treinador é assim... Porque quem tá de fora fala “pô, que jogada hein” e aí o jogador fala depois do jogo “essa foi uma jogada que treinamos com o professor e surtiu efeito, não foi uma jogada por acaso”. Então ali você sente ser reconhecido e faz ter motivação pra tá trabalhando no dia a dia” (Antônio).

Desse modo, o fluxo entre oportunidade de criação, reconhecimento e motivação para o prosseguimento da atividade na Suburbana fornece condições de refletir sobre a função do treinador a partir das proposições de Sennett (2013) acerca do trabalho artífice. Os treinadores, ao criarem e serem reconhecidos a partir da sua criação, passam a se envolver com a atividade de modo a realizá-la cada vez com maior afinho e dedicação, constituindo um ambiente de estímulo ao desenvolvimento de uma “habilidade artesanal”.

Conforme aponta Sennett (2013), a habilidade artesanal é um impulso humano básico e permanente, em que há o desejo de um trabalho bem-feito por si mesmo e que abrange um aspecto muito mais amplo que o trabalho derivado das habilidades manuais. Trata-se de uma das características do artífice, concebido enquanto representação de uma categoria mais abrangente que a do artesão e que simboliza em cada um de nós, o desejo de realizar bem um trabalho, concretamente, pelo prazer da coisa benfeita.

É nesse contexto que destacamos novamente a fala de Antônio, que ao mencionar o cuidado e o comprometimento com a atividade de treinador, ressalta: *“É um trabalho que eu gosto de fazer, gosto mesmo, faço aquilo com prazer, não faço assim por fazer. Tanto é que eu não vejo a hora de chegar o sábado para poder me apresentar, ter o meu papo com a rapaziada, a minha preleção antes do jogo, faço por gostar, gosto do que faço”*.

Assim, sugere-se que os treinadores, ao se dedicarem em sua atividade e procurarem fazê-la com esmero, estabelecem a relação proposta por Sennett (2013) entre as habilidades do artífice e a esfera do desejo, em que há uma permanente busca pela qualidade, um querer fazer bem-feito o seu trabalho. Além disso, a partir das dificuldades corriqueiramente relatadas, verifica-se nos treinadores deste estudo a existência de engajamento e da atribuição de um “valor positivo à contingência e as limitações”, características do bom artífice (Sennett, 2013, p. 291).

Esse contexto é bem visualizado na fala de Rubens, quando aponta que: *“por ser amador, uma estrutura pequena, temos uma dificuldade muito grande. Mas isso nos motiva. Será que se nos derem tudo, a gente vai conseguir fazer? Então a gente consegue com pouco,*

consegue tirar o máximo dos caras com pouco, tendo pouco”. Desse modo, verifica-se que a partir do engajamento, os treinadores direcionam esforços para atingir uma dimensão pericial (Sennett 2013) que está intrinsicamente relacionada ao *ethos* romântico-expressivo.

E na medida em que criam e são reconhecidos pela sua criação, os treinadores passam a se envolver com a atividade de modo a realizá-la com cada vez mais afinco e dedicação, indicando a existência do esforço pessoal significativo e da perseverança, qualidades distintivas do lazer sério. Além disso, a atividade realizada também se relaciona ao *ethos* romântico-expressivo ao passo que explicita a dimensão pericial do trabalho realizado, contemplando uma “ética do artesão” em que a essência se manifesta a partir do domínio e execução de algo com maestria. Aqui não se vislumbra separação entre o prazer e o consumo da obra, nem separação do trabalho e do lazer., haja vista que na ética do artesão a vida está mesclada com o próprio trabalho, como se um fosse a extensão do outro (Bendassolli, 2006).

Nesse sentido, apesar das limitações contemporâneas que impedem a dedicação a um “dom”, talento ou perícia (Bendassolli, 2006), sobretudo quando se trata de uma atividade não remunerada (Gorz, 2003), verifica-se que a partir do engajamento, esforço e perseverança, os treinadores estimulam o desenvolvimento de uma habilidade artesanal, fazendo com que a eles possa ser atribuída a imagem de um artífice à beira do gramado.

7. A identificação com a função de treinador

De acordo com Rodrigues, et al. (2014), os clubes de futebol estão entre as organizações que sofreram com maior intensidade o processo de empresarização, gerando grandes consequências aos laços comunitários e de formação de identidade dos grupos e indivíduos envolvidos. No entanto, verificou-se que no ambiente da Suburbana são marcantes as possibilidades de criação de relacionamentos e preservação de amizades, principalmente nos momentos que sucedem a realização dos treinamentos e jogos.

Conforme aponta Rubens *“Eu acho que o futebol amador faz muito bem isso, acho que muda um pouco o ciclo, o profissional é muito vicioso, o amador não. O amador é mais raiz, família, criança, base.... É diferente”*. Nessa mesma toada, Paulo ratifica que no futebol amador existe maior liberar e aproximação, pois *“você está dando treino e quando acaba sempre chega um torcedor e fala: pô professor, por que o fulano não tá jogando? Aí você tem que conversar, explicar...coisa que no futebol profissional não tem a menor chance de acontecer”*. Discurso corroborado por Nelson, para quem *“a amizade é o principal fator de diferenciação entre a Suburbana e o futebol profissional”*. Desse modo, os treinadores valorizam a possibilidade de

convivência com outras pessoas, bem como a capacidade que o futebol amador possui em ampliar a rede de relacionamentos e permitir o florescimento de novas amizades.

Ocorre que a partir desta convivência, inicia-se um processo associativo em que os treinadores são identificados pela função exercida, especialmente quando vão atuar em clubes de bairros diferentes dos quais possuem residência. Gera-se uma espécie de apropriação geográfica, em que os treinadores possuem um “trânsito livre” em diferentes bairros de Curitiba e Região Metropolitana. Isso é motivo de realização, conforme revela Antônio: *“imagina se eu não me sinto realizado, recebendo convites como eu recebi e ir treinar lá do outro lado da cidade [...] Eu recebi convites praticamente em toda Curitiba”*.

Assim, conforme os treinadores passam a exercer a função em clubes de bairros diferentes, percebem o início da associação com a função de treinador, o que é bem exemplificado pela fala de Cláudio: *“Como eu sou do bairro, eu tenho amizade com jogadores, familiares e até com torcedores do clube A, como do clube B (...) quando eu saí do clube B e fui para outro bairro, para o clube C, aí eu virei treinador, eu cheguei no bairro como treinador. Então, me respeitam como treinador e não como morador do bairro”*.

E na medida em que os treinadores se mantêm atuando na atividade, o processo associativo passa a ser em duplo sentido, haja vista que os treinadores são identificados pela função exercida, assim como passam a se identificar com ela, adquirindo algumas características típicas do imaginário sobre o treinador de futebol. A construção dessa imagem de treinador se materializa em diferentes aspectos que englobam desde a forma de estruturar os treinamentos até a maneira de se portar, se comunicar e se vestir.

Quanto aos treinamentos, verificamos uma preocupação por parte dos treinadores em transmitir uma mensagem de que eles estão atentos e reproduzindo aquilo que acontece no futebol profissional. Conforme Osvaldo menciona: *“Se você for num treino do amador, você vai ver que ele é praticamente um treino do profissional. Se você comparar com o que o Bayern de Munique faz num treino... eu duvido que você não encontre pelo menos uns dois, três exercícios no futebol amador”*. Em relação a comunicação, Mário ressalta que o treinador de futebol da Suburbana se torna uma figura pública que necessita se manifestar de forma coerente com tal posição: *“Nós como treinadores, querendo ou não, somos figuras públicas, por mais que seja um lazer, nós damos entrevistas, nós temos que dar satisfação à torcida, à diretoria, até em casa tem que dar satisfação, porque você é cobrado em todos os lugares”*.

Já no que diz respeito à forma de se portar e se vestir, constatou-se a partir das observações, conversas informais e corpo de entrevistas, a existência de uma preocupação em

relacionar um estilo de roupa e postura com o perfil de comando desejado, a partir de claras referências ao futebol profissional. Existem aqueles treinadores que preferem ir para o campo com o agasalho ou uniforme do clube, enquanto outros vão aos jogos vestindo um traje social, com direito até a paletó: *“Eu gosto de me vestir assim, de ir pro jogo com o uniforme do clube. Tem treinador que bota terno, tem treinador que vai de social, eu não, eu gosto de ir com o uniforme do clube” (Osvaldo).*

Dessa forma, semelhante a proposição realizada por Rodrigues (2003) em relação a incorporação de um *habitus* futebolístico por parte dos jogadores em seu processo de formação, sugere-se que os treinadores ao incorporarem estruturas, estratégias e modelos de agir passam a construir uma realidade condizente com a função exercida. Desse modo, manifestam um *habitus* específico que se materializa mediante a reprodução dos modos de condução das equipes, do comportamento frente aos jogadores, da comunicação com os diferentes grupos e até mesmo do modo como se vestir.

Outro ponto significativo de reconhecimento e identificação com a função de treinador é a sua capacidade de extensão, não se limitando apenas àqueles que mantêm um contato mais direto com a Suburbana, mas se expandindo para outros grupos fora do ambiente do futebol, conforme exemplifica Mário:

“A função de treinador, ela é notada em todos os lugares onde eu tô. No trabalho, as pessoas me conhecem pelo que eu faço no futebol. Então, quando o meu gerente vem me perguntar alguma coisa, na maioria das vezes ele não vem me perguntar sobre o meu trabalho do dia a dia, ele vem me perguntar como foi o final de semana, como foram os jogos [...]. Na minha casa, na maioria dos lugares, a pergunta é sempre ligada ao futebol. Porque o futebol fica mais evidente na minha vida do que as outras coisas”.

Sendo assim, tornou-se proeminente a caracterização da qualidade de identificação do lazer sério (Stebbins 2014; 2016), haja vista que o apelo identificador da atividade de treinador se tornou maior que o próprio papel profissional exercido. Além disso, verifica no caso dos treinadores da Suburbana, uma característica da qualidade de identificação que é a modificação dos comportamentos, atividades da vida diária e até mesmo da personalidade do sujeito de maneira que ocorra a formação de uma própria identidade em torno da atividade do lazer (Heuer, 2019).

Desse modo, pode-se analisar a partir das reflexões de Bendassolli (2006, p.195) que essa é uma das situações que representam a diminuição na importância do trabalho (no sentido de emprego), uma vez que o trabalhador possa até estar “alienado objetivamente” em sua

atividade empregatícia, mas de seu ponto de vista, não parece ser o caso, haja vista que o seu verdadeiro “eu” está em outro lugar, como na família, na sexualidade ou mesmo no lazer.

Evidencia-se assim, um caso de enfraquecimento da relação moderna entre identidade e emprego em prol de uma relação pós-moderna em que se fala de várias identidades ou repertório de identidades. Com isso, o sentido da identificação com o papel de treinador nos remete com mais ênfase ao *ethos* romântico-expressivo, posto que nesse *ethos* dá-se grande importância para a definição da identidade na medida em que é, por assim dizer, a identidade-em-construção, em plena atividade (Bendassolli, 2006, p. 206).

Isto posto, assim como observado em outros estudos (Bendassolli & Borges-Andrade, 2011; Borchardt & Bianco, 2016; Dourado et al., 2009; Marra et al., 2013; Oliveira & Doll, 2017) a atuação na Suburbana contribui para o desenvolvimento de um processo associativo do indivíduo com a função exercida. Essa identificação é aceita e reproduzida pelos treinadores, tendo em vista que procuram constituir um *habitus* que possa legitimar a permanência no comando das equipes.

8. Carreira paralela

Um dos grandes sonhos de infância e juventude dos treinadores estava relacionado com a carreira de jogador de futebol. Já a atuação enquanto treinador, para a maioria dos entrevistados, não era algo previamente planejado e surgiu mais por obra do acaso do que por um plano específico, uma vez que o principal interesse era se manter próximo dos amigos e do ambiente esportivo.

Entretanto, após o início da atividade de treinador, a relação com o futebol começa a se modificar e o sonho de estar envolvido com o futebol profissional se desloca da função de jogador para a de treinador. Esse deslocamento pode ser mais bem visualizado na fala de Mário, quando revela que: *“Hoje eu não gostaria de ser jogador, eu queria ser no começo, quando era pequeno né...mas hoje, se me chamam pra jogar eu não vou, não quero, não gosto de jogar. Eu gosto de instruir, de estar ali do lado, olhando, trabalhando, estudando”*.

A questão do sonho em participar do futebol profissionalizado a partir da função de treinador também é desenvolvida na fala de Antônio, o qual revela: *“pra mim seria uma realização né, porque se eu falar pra você que eu nunca sonhei em ser um técnico profissional, eu estaria te mentindo. Sempre sonhei. Eu sempre sonhei um dia receber um convite, uma oportunidade”*. Assim, da mesma forma como observado com os jogadores da Suburbana (Oliveira, 2013), o futebol profissional esteve ou ainda está no horizonte dos treinadores.

Contudo, esse desejo é tratado sempre com muita prudência, haja vista que os entrevistados se mostram conscientes quanto as dificuldades em transitar de um ambiente para o outro. Além de questões legislativas sobre o exercício da profissão de treinador (Bettanim, Nunes, Silva, Drigo, 2017), os treinadores manifestam preocupação com uma espécie de preconceito com o futebol amador, conforme ressalta Antônio: *“se saísse na rádio e no jornal amanhã... Antônio assume o Paraná Clube. Porra, os caras já iam dizer... Meu Deus, esse cara é do amador...esse clube tá louco, essa diretoria tá louca”*.

Entre uma das possíveis formas de contornar esse estigma em relação ao futebol amador está a capacitação para o desenvolvimento na atividade. Em diferentes momentos os treinadores enfatizaram uma defesa pela própria condição de gerar resultados positivos para os clubes.

“Hoje não pode só dar camisa e ficar tirando e colocando pra jogar. O treinador tem que ter uma preleção forte, contundente e que convença o atleta, porque eles conversam muito entre si e se você não tiver essa capacitação, eles reclamam (...) Eu penso que dentro do amador hoje, você tem que brigar pra ser o melhor treinador, oscilando, um ano você tá na frente, um ano em segundo, um ano tá em terceiro, mas não baixa disso, tem que estar entre os três treinadores top” (Ayrton).

Desse modo, manifestam-se características típicas do *ethos* gerencialista como a busca pela performance e pela excelência. Além disso, percebe-se uma preocupação por parte dos treinadores em demonstrar o contínuo desenvolvimento técnico para realização das atividades, conforme é possível observar nas falas de Antônio e Mário.

“O técnico no futebol amador tem que ser um conhecedor de futebol, não pode ser um curioso. Se for um curioso, vai ser um entregador de camisas. Você tem que ter personalidade, você tem que tá sempre se atualizando, você tem que ser um amador profissional né. Pra atingir os seus objetivos, tem que estar sempre estudando” (Antônio).

“Então, eu ainda me vejo, mais para frente, focando um pouco mais no estudo, no aperfeiçoamento, pra conquistar uma vaga no futebol profissional. Daí sim, desenvolver, seguir o sonho né” (Mário).

Destaca-se nas falas dos treinadores termos semelhantes àqueles que se popularizaram nos discursos em contextos corporativos e que possuem relação íntima com a cultura do *management*. Nesse contexto, há um culto da excelência como forma de aperfeiçoamento individual e coletivo, em que cada indivíduo deve se tornar um empreendedor de si mesmo (Bendassolli, 2006).

Cabe ressaltar ainda outras características presentes no *ethos* gerencialista e que se manifestam na atuação dos treinadores, com destaque para as noções de trabalho enquanto projeto e carreira. Apesar das possíveis dificuldades na transição entre o futebol amador e o futebol profissional, alguns treinadores recordaram episódios em que houve convites para a atuação em equipes profissionais. Todavia, o receio com a instabilidade acabou afastando-os da carreira de treinador profissional.

“Eu estava trabalhando em uma boa empresa, aí acabei não arriscando, que nem a galera faz. Vou lá, três meses, beleza...ou não dá certo, volto, aí perco tudo... Não fui mais por termos de segurança.... Acabei ficando” (Cláudio).

“Quando eu estava trabalhando na empresa A, recebi um convite, abriu uma porta, mas daí uma pessoa falou pra mim: você vai arriscar? Tu vai lá, vai largar a tua empresa, em que você está registrado e vai lá...pra perder dois jogos e te mandarem embora? [...] Eu não tinha como largar o meu emprego pra arriscar, porque essa carreira de treinador é aquilo...você perdeu dois, três jogos, vem a cobrança e você vai embora né” (Antônio).

Dessa forma, os treinadores optaram naquele momento pelo prosseguimento em suas carreiras profissionais, deixando para o futebol amador o local destinado a uma carreira secundária e que poderia ser executada de forma concomitante com o emprego formal.

Configura-se, então, a noção de carreira, uma das qualidades distintivas do lazer sério. Utilizando a concepção de Goffman (1974) sobre “carreira moral”, Stebbins (2008) apresenta carreira dentro da perspectiva do lazer sério como um percurso ou transição típicos de um amador, praticante de passatempo/*hobby* ou voluntário, que leva a pessoa de um papel social de lazer possivelmente para um papel social de trabalho (Oliveira & Doll, 2016).

Já pela perspectiva dos modelos emergentes de carreira, é possível observar na função de treinador da Suburbana uma aproximação com o modelo das carreiras sem fronteiras. De acordo com Bendassolli (2009, p. 391) “essas carreiras se opõem às de tipos tradicionais precisamente pelo fato de não serem configuradas às fronteiras de uma única organização, emprego, ocupação, região ou domínio de *expertise*. Esse modelo propõe uma transversalidade de vínculos de trabalho, mas prescinde de um conhecimento por parte do indivíduo acerca dos movimentos do seu engajamento, seus valores, necessidades e interesses.

Desse modo, interessante trazer um trecho da entrevista de Mário como síntese das relações entre a carreira, emprego e Suburbana.

“Eu viveria do futebol, com certeza, e todo mundo no meu emprego sabe... quem me conhece pelo que eu faço no futebol. Então eu viveria do futebol, trabalharia no futebol, sem problema nenhum. Mas hoje eu não tenho essa opção. Se mais para frente eu tiver, eu largaria o emprego com certeza, pra trabalhar no futebol. Não sendo só de técnico, mas como auxiliar ou com outro cargo que me fornecesse condições de sustentar a minha família e de fazer o que eu gosto. Mas hoje, infelizmente não tem isso, então hoje o futebol é o meu lazer e eu tenho o meu trabalho” (Mário).

Sendo assim, ao emprego é destinada a carreira provedora de sustento, responsável por suprir a demanda do “pai de família”, enquanto que ao treinador é concedida uma posição de carreira paralela, de um lazer (sério, com responsabilidade), que poderá vir a se tornar uma carreira principal no futuro, quando for capaz de prover sustento financeiro e material, momento em que, enfim, o sonho de “viver do futebol” poderá se tornar realidade.

9. Considerações finais

O objetivo deste estudo foi analisar os sentidos atribuídos ao trabalho por treinadores de um campeonato de futebol amador da cidade de Curitiba (Suburbana). Foram realizadas observações de jogos, treinamentos e bastidores, além de entrevistas com oito indivíduos que atuavam como treinadores e não possuíam nessa atividade sua fonte de sustento e remuneração. A partir da utilização da análise temática, emergiram dos dados os seguintes sentidos: um lazer com responsabilidade; um artífice à beira do gramado; a identificação com a função de treinador e carreira paralela.

Considerando a análise dos sentidos encontrados a partir dos *ethos* do trabalho de Bendassolli (2006; 2011) constatou-se que na atuação dos treinadores de futebol da Suburbana prepondera o *ethos* romântico-expressivo. No entanto, com exceção do *ethos* instrumental, encontrou-se referências significativas de todas as demais narrativas do trabalho. Já no que diz respeito à análise sob a perspectiva de Stebbins (2014; 2016), constatou-se que a atividade do treinador se caracteriza enquanto um lazer sério, em que se manifestam com maior intensidade as qualidades da exigência de esforço significativo, identificação com a prática e possibilidade de carreira no lazer.

Sendo assim, a partir da análise realizada, foi possível observar a pluralidade de sentidos atribuídos pelos treinadores. Desse modo, corrobora-se com Bispo et al. (2013) quando os autores apontam que embora algumas narrativas sociais sejam predominantes, todas as demais influenciam a percepção dos indivíduos em algum momento. Além disso, em consonância com

Stebbins (2014; 2016), constatou-se, a partir da atividade do treinador da Suburbana, como em alguns casos o trabalho e o lazer possuem uma linha divisória bastante turva.

Como contribuições do estudo, destaca-se a apresentação de novos sentidos atribuídos ao trabalho, além da realização de uma aproximação entre conceitos dos campos do trabalho e do lazer. Os resultados podem contribuir para uma melhor compreensão da atividade de treinador de futebol e do contexto dos clubes amadores, haja vista a incipiência teórica sobre o tema.

No entanto, é importante realizar algumas considerações. Preliminarmente, de que não há finitude na busca por sentidos do trabalho e para a elaboração de novas representações, sendo um processo marcado pelo seu dinamismo (Silva et al., 2019). Ato contínuo, ressalta-se que as representações apresentadas neste estudo não devem ser generalizadas, haja vista que constituem características de um contexto com particulares específicas.

Evidencia-se ainda a necessidade de debater o fato de que os treinadores ocupam uma posição privilegiada, haja vista a possibilidade de dedicação com afinco a uma atividade que está localizada fora do ambiente do emprego e que contribui para a construção de suas identidades. Contudo, esta atividade não ocorre de forma totalmente despreocupada, haja vista que, conforme ressalta Bendassolli (2006), a decomposição da metanarrativa do trabalho em diferentes narrativas sociais gera uma insegurança ontológica, ou seja, dificuldade ou mesmo impossibilidade do indivíduo em harmonizar os vários *ethos* do trabalho de forma coerente a fim de justificar as suas ações.

Cabe salientar também, que no contexto contemporâneo é perceptível a dificuldade encontrada por muitas pessoas para se dedicar a uma atividade, dom ou perícia (Bendassolli, 2006). Desse modo, corrobora-se com Oliveira & Doll (2012) sobre os desafios no ajuste da perspectiva do lazer sério para contextos em que essa categoria possa ser considerada como uma forma elitista de viver.

Em pesquisas futuras, recomenda-se o aprofundamento da categoria trabalho dentro do ambiente esportivo, o que poderá ser realizado a partir da exploração dos sentidos atribuídos ao trabalho por treinadores de outras modalidades, assim como demais trabalhadores envolvidos com o esporte. Outra proposta promissora é a análise das carreiras dos treinadores a partir da perspectiva das carreiras emergentes. Por fim, novos estudos poderão ser realizados a fim de analisar as possibilidades de manifestação dos *ethos* do trabalho no contexto pós pandemia COVID-19 e das novas relações trazidas pela massificação do teletrabalho.

Referências Bibliográficas

- Andrade, S. P. C. de., Tolfo, S. da R., & Dellagnelo, E. H. L. (2012). Sentidos do trabalho e racionalidades instrumental: interfaces entre a administração e a psicologia. *Revista de Administração Contemporânea*, 16(2), 200–216. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rac/v16n2/v16n2a03.pdf>
- Bendassolli, P. F. (2006). *Os ethos do trabalho. Sobre a insegurança ontológica na experiência atual com o trabalho*. (Tese de doutorado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47134/tde-11102006-074919/pt-br.php>
- Bendassolli, P. F. (2009). Recomposição da Relação Sujeito-trabalho nos Modelos Emergentes de Carreira. *RAE-Revista de Administração de Empresas*, 49(4), 387-400. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rae/v49n4/v49n4a03.pdf>
- Bendassolli, P. F. (2011). Ethos, significados del trabajo Y de las narrativas identitárias. In: E.A. Tomás, J. L. A. Estramiana, A. G. Luque, R. M. Centeno, & I. S. Gallo. *Nuevas formas de Organización del trabajo y la empleabilidad* (pp. 135-159). Oviedo, Universidad de Oviedo
- Bendassolli, P. F., & Borges-Andrade, J. E. (2011). Significado do trabalho nas indústrias criativas. *Revista de Administração de Empresas*, 51(2), 143–159. Disponível: <https://www.scielo.br/pdf/rae/v51n2/v51n2a03.pdf>
- Bendassolli, P. F., & Coelho-Lima, F., Pinheiro, R.A., & Siqueira Gê, P.C. (2015). The Brazilian Scientific Production on Sense and Meaning of Work: Review of Use of Terminology and Current Thematic Classifications. *Avances en Psicología Latinoamericana*, 33(2), 203-221. Disponível em: <http://www.scielo.org.co/pdf/apl/v33n2/v33n2a03.pdf>
- Benevides, B. I. L., Santos, S. M. D., Cabral, A. C. A., Ribeiro, R. A., & Holt, N. L. S. (2015). Demanda por Futebol no Brasil e na Inglaterra. *Revista Pensamento Contemporâneo em Administração*, 9(2), 96-112. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/pca/article/view/11215/0>
- Bettanim, M.R., Nunes, H.F.P., Silva, C.S., Drigo, A.J. (2017) Atividade de treinador de futebol no Brasil: ofício ou profissão? *R. bras. Ci. e Mov*, 25(1), 212–219. Disponível em: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RBCM/article/view/6696>
- Bispo, D. de A., Dourado, D. C. P., & Amorim, M. F. da C. L. (2013). Possibilidades de dar sentido ao trabalho além do difundido pela lógica do Mainstream: um estudo com indivíduos que atuam no âmbito do movimento Hip Hop. *Organizações & Sociedade*, 20(67), 717–731. Disponível em: <http://www.spell.org.br/documentos/download/49038>
- Borchardt, P., & Bianco, M. de F. (2016). Meanings of volunteer wok: a study with members of a lutheran institution. *RAM. Revista de Administração Mackenzie*, 17(5), 61–84. Disponível: <https://www.scielo.br/pdf/ram/v17n5/1678-6971-ram-17-05-0061.pdf>
- Braun, V., & Clark, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research*, 3(2), p. 77-101. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/235356393_Using_thematic_analysis_in_psychology/link/00b7d52c9e6303d840000000/download

Campos, F. R. G. (2009). *Uma geografia do futebol amador: Espaços de representação do futebol amazonense a partir do “Peladão”*. (Tese de doutorado). Setor de Ciências da Terra, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR, Brasil. Disponível em: <https://www.acervodigital.ufpr.br/handle/1884/21462>

Colomby, R.K., & Costa, S. G. da (2018). Perspectives on labor polysemy: theoretical foundations and study possibilities. *RAM. Revista de Administração Mackenzie*, 19(5). Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ram/v19n5/1678-6971-ram-19-05-eRAMG180082.pdf>

Correia, G. F. A. (2019) *“Uma grande solidão em meio à multidão”: histórias e memórias da arbitragem de futebol de Minas Gerais* (Dissertação de mestrado). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil.

Damo, A. S. (2003). Monopólio estético e diversidade configuracional no futebol brasileiro. *Movimento*, 2(9), 129–156. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/2807>

Dourado, D. P., Holanda, L. A., Silva, M. M. M., & Bispo, D. A. (2009). Sobre o sentido do trabalho fora do enclave de mercado. *Cadernos EBAPE.BR*, 7(2), 349-367. Disponível em: <http://doi.org/10.1590/S1679-39512009000200011>

Dumazedier, J. (1976). *Lazer e cultura popular*. São Paulo: Perspectiva.

Faria, J.H., & Meneghetti, F. K. (2006). Imaginário e poder: A Dinâmica dos grupos ligados a uma organização de futebol. *Gestão.Org*, 4(3), 20–37. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/gestaoorg/article/view/21510>

Gomes, L.R. (2013). *Entre campos e cantos: para uma sociologia do futebol amador*. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil.

Gorz, A. (2003). *Metamorfoses do trabalho. Crítica da razão econômica*. São Paulo: Annablume.

Heuer, S. (2019). *“Lazer sério” e crossfit: as características da “identidade guerreira” em atletas amadores*. (Dissertação de mestrado). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR, Brasil.

Irigaray, H. A. R., Oliveira, L. B., Barbosa, E. S. T., & Morin, E. M. (2019). Vínculos profissionais e sentido do trabalho: uma pesquisa com professores do ensino superior. *Revista de Administração Mackenzie*, 20(1). Disponível em: https://www.scielo.br/pdf/ram/v20n1/pt_1678-6971-ram-20-01-eRAMG190070.pdf

Lemos, A. H. C., Cavazotte, F. S. C. N., & Souza, D. O. S. (2017). De empregado a empresário: Mudanças no sentido do trabalho para empreendedores. *Revista Pensamento Contemporâneo em Administração*, 11(5), 103-115. Disponível em: <http://www.spell.org.br/documentos/download/48641>

Marchi Jr, W. (2015). O esporte “em cena”: perspectivas históricas e interpretações conceituais

para a construção de um modelo analítico. *The Journal of the Latin American Socio-Cultural Studies of Sport*, 5(1), 46–67. Disponível em: <http://doi.org/10.5380/jlasss.v5i1.43890>

Marietto, M. (2018). Observação Participante e Não Participante: Contextualização Teórica e Sugestão de Roteiro para Aplicação dos Métodos. *Iberoamerican Journal Of Strategic Management (IJSM)*, 17(4), 05-18. Disponível em: <http://www.spell.org.br/documentos/download/51414>

Marra, A. V., Souza, M. M. P. de, Marques, A. L., & Melo, M. C. de O. L. (2013). Significado do trabalho e envelhecimento. *Revista Administração Em Diálogo*, 15(2), 103–128. Disponível: <http://www.spell.org.br/documentos/download/40529>

Martins, M.G. (2016). Campeonato municipal de futebol de várzea de Porto Alegre: *uma abordagem sócio-histórica (1993-2014)*. (Dissertação de mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil.

Meneghetti, F. K. (2002). *Imaginário e poder: A dinâmica dos grupos ligados a uma organização de futebol*. (Dissertação de mestrado). Centro de Pesquisa e Pós-Graduação em Administração, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR, Brasil.

Mynaio, M.C.S (Org.) (2013). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 33 ed. Petrópolis, RJ, Vozes.

Myskiw, M., & Stigger, M. P. (2014). O futebol “de várzea” é “uma várzea”!? Etnografia da organização no circuito municipal de Porto Alegre. *Movimento*, 20(2), 445–469. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/1153/115330607003.pdf>

Müller, C. V., & Scheffer, A. B. B.. (2019). Turismo Voluntário: Uma Experiência Em Busca Do Sentido? Vida E Trabalho Em Questão. *RAM. Revista de Administração Mackenzie*, 20(1). Disponível em: https://www.scielo.br/pdf/ram/v20n1/pt_1678-6971-ram-20-01-eRAMG190095.pdf

Neves, D. R., Nascimento, R. P., Felix Jr, M.S., Silva, F. A. da, & Andrade, R. O. B. (2018). Sentido e significado do trabalho: uma análise dos artigos publicados em periódicos associados à Scientific Periodicals Electronic Library. *Cadernos EBAPE.BR*, 16(2), 318-330. Disponível: <https://doi.org/10.1590/1679-395159388>

Oliveira, S., & Doll, J. (2012). SERIOUS LEISURE. *Movimento (ESEFID/UFRGS)*, 18(1), 325-338. Disponível em: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.23641>

Oliveira, S. N., & Doll, J. (2016). A Carreira no Lazer. *LICERE - Revista Do Programa De Pós-graduação Interdisciplinar Em Estudos Do Lazer*, 19(3), 293-331. Disponível em: <https://doi.org/10.35699/1981-3171.2016.1296>

Oliveira, S.N. & Doll, J. (2017). 'This is The End, My Beautiful Friend!': lazer sério e o fim da carreira. *Educação & Realidade*, 42(1), 215-236. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2175-623651581>

Oliveira, A. de P. (2013). Entre a várzea e o profissional: Sobre um campeonato de futebol

amador. *Espaço Plural*, 29, 114–139.

Oliveira, T. Z. G., Guimarães, L. V. M., Caiero, M. L., & Gomes Júnior, A. B. (2018). Identifying as a drag queen and the meaning of work. *Revista de Administração Mackenzie*, 19(spe). Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ram/v19nspe/1678-6971-ram-19-spe-eRAMD180060.pdf>

Pacheco, A., & Stigger, M. (2016). “É LAZER, TUDO BEM, MAS É SÉRIO”: NOTAS SOBRE LAZER A PARTIR DO COTIDIANO DE UMA EQUIPE MÁSTER FEMININA DE VOLEIBOL. *Movimento (ESEFID/UFRGS)*, 22(1), 129-142. Disponível em: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.52205>

Rodrigues, M. S., Silva, R. C., & Dellagnelo, E. H. L. (2014). O processo de empresarização em organizações culturais brasileiras. *Revista Pensamento Contemporâneo em Administração*, 8(1), 66-85. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/pca/article/view/11160>

Rodrigues, A. L., Barrichello, A., Bendassolli, P. F., & Oltramari, A. P. (2018). Meaning of work: challenges for the xxi century. *RAM. Revista de Administração Mackenzie*, 19(spe).
Rodrigues, A. L., Barrichello, A., & Morin, E. M. (2016). Os sentidos do trabalho para profissionais de enfermagem: Um estudo multimétodos. *Revista de Administração de Empresas*, 56(2), 192–208. Disponível em: <http://doi.org/10.1590/S0034-759020160206>

Rodrigues, F. X. F. R. (2003). *A formação do jogador de futebol no Sport Club Internacional (1997-2002)*. (Dissertação de mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil.

Rosso, B. D., Dekas, K. H., & Wrzesniewski, A. (2010). On the meaning of work: A theoretical integration and review. *Research in Organizational Behavior*, 30(C), 91–127. Disponível em: <http://doi.org/10.1016/j.riob.2010.09.001>

Sá, J. G. S., & Lemos, A. H. C. (2017). Sentido do Trabalho: Análise da Produção Científica Brasileira. *Revista ADM.MADE*, 21(3), 21-39. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.21714/2237-51392017v21n3p021039>

Sampieri, R., Callado, C., Lucio, M.D.P. (2013). *Metodologia de pesquisa*. 5. ed. Porto Alegre: Penso, 2013.

Santos, E. C. D., & Helal, D. H. (2018). Maracatu, Trabalho e Organizing. *Revista de Administração Contemporânea*, 22(4), 620-638. Disponível em: <http://www.spell.org.br/documentos/download/50688>

Santos, E. F., & Fontenelle, I. A. (2019). A construção de sentido para o trabalho emocional. *Revista de Administração Mackenzie*, 20(1). Disponível em: https://www.scielo.br/pdf/ram/v20n1/pt_1678-6971-ram-20-01-eRAMG190089.pdf

Sennett, R. (2013). *O Artífice*, 4.ed. Rio de Janeiro, Record.

Silva, J. L. F. (2009). *Os significados do futebol amador recifense a partir de suas interdependências com o futebol profissional*. (Dissertação de mestrado). Universidade Federal

de Pernambuco, Recife, PE, Brasil.

Silva, M. P. da, & Simões, J. M. (2015). O estudo do sentido do trabalho: contribuições e desafios para as organizações contemporâneas. *Revista Capital Científico - Eletrônica*, 13(3). Disponível em: <http://doi.org/10.5935/2177-4153.20150027>

Silva, M. R., Barbosa, M. A. S., & Lima, L. G. B. (2020). Usos e Possibilidades Metodológicas para os Estudos Qualitativos em Administração: Explorando a Análise Temática. *Revista Pensamento Contemporâneo em Administração*, 14(1), 111-123. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/pca/article/view/38405>

Siqueira, M. V. S., Dias, C. A., & Medeiros, B. N. (2019). Solidão e trabalho na contemporaneidade: As múltiplas perspectivas de análise. *Revista de Administração Mackenzie*, 20(2). Disponível em: https://www.scielo.br/pdf/ram/v20n2/pt_1678-6971-ram-20-02-eRAMG190058.pdf

Spink, M. J. & Menegon, V. M. (2013). A Pesquisa como Prática Discursiva. In: *PRÁTICAS DISCURSIVAS E PRODUÇÃO DE SENTIDOS NO COTIDIANO. Aproximações teóricas e metodológicas*. Edição virtual. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais.

Stebbins, R. A. (2014). Quando o trabalho é essencialmente lazer. *Revista Brasileira de Estudos do Lazer. Belo Horizonte*, (1)1, 42-56. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/rbel/article/view/433>

Stebbins, R. A. (2016). Educação para a Autorrealização: processo e contexto. *Educação & Realidade*, 41(3), 873-887. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2175-623651738>

Tolfo, S. da R., Coutinho, M. C., Baasch, D., & Cugnier, J. S. (2011). Sentidos y significados del trabajo: un análisis con base en diferentes perspectivas teórico-epistemológicas en Psicología. *Universitas Psychologica*, 10(1), 175-188. Disponível em: <https://doi.org/10.11144/Javeriana.upsy10-1.ssta>